

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

P. O. Box 3243, Addis Ababa, ETHIOPIA Tel.: 00251-11-5517700 Cable: AU, ADDIS ABABA
Website: www.africa-union.org

CONSELHO EXECUTIVO
Décima Terceira Sessão Ordinária
27 – 28 de Junho de 2008
SHARM EL SHEIKH, EGIPTO

EX.CL/431 (XIII)

RELATÓRIO DA COMISSÃO SOBRE A REUNIÃO DOS MINISTROS
DA JUSTIÇA/ PROCURADORES GERAIS SOBRE QUESTÕES
JURÍDICAS

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

P. O. Box 3243, Addis Ababa, ETHIOPIA Tel.: 00251-11-5517700 Cable: AU, ADDIS ABABA
Website: www.africa-union.org

**REUNIÃO DOS MINISTROS DA JUSTIÇA/PROCURADORES
GERAIS SOBRE QUESTÕES JURÍDICAS
ADIS ABEBA, ETÍÓPIA
18 ABRIL 2008**

MinJustice/Legal/Rpt.

**RELATÓRIO DA COMISSÃO SOBRE A REUNIÃO DOS MINISTROS
DA JUSTIÇA/ PROCURADORES GERAIS SOBRE QUESTÕES
JURÍDICAS**

RELATÓRIO DA COMISSÃO SOBRE A REUNIÃO DOS MINISTROS DA JUSTIÇA/ PROCURADORES GERAIS SOBRE QUESTÕES JURÍDICAS

I. INTRODUÇÃO

1. A reunião dos ministros da Justiça/Procuradores Gerais dos Estados-membros da União Africana (UA) sobre Questões Jurídicas foi realizada na Sede da UA em Adis Abeba, Etiópia, a 18 de Abril de 2008, a fim de considerar várias questões jurídicas em conformidade com a Decisão EX.CL/Dec.129 (V) adoptada pela Quinta sessão ordinária do Conselho Executivo que decorreu em Adis Abeba, Etiópia, em Julho de 2004, e endossada pela Conferência da União.

II. PRESENÇAS

2. Os seguintes Estados-membros participaram na reunião: Argélia, Angola, Botswana, Burquina Faso, Cabo Verde, Congo, Côte d' Ivoire, Djibuti, Egipto, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Quénia, Lesoto, Libéria, Líbia, Malawi, Mali, Mauritânia, Maurícias, Moçambique, Namíbia, Niger, Nigéria, Uganda, Ruanda, República Árabe Saharaoui Democrática (RASD), Senegal, África do Sul, Sudão, Swazilândia, Tanzânia, Togo, Tunísia, Zâmbia e Zimbabwe.

III. CERIMÓNIA DE ABERTURA

3. Nas suas observações preliminares, o Sr. Patrick Mazimhaka, Vice-presidente da Comissão da União Africana, em nome do Presidente, Sr. Alpha Oumar Konaré, deu as boas-vindas a todos os ministros, procuradores gerais e delegações à reunião. Disse que a última década do Século XX foi um período de mudanças em todas as regiões do mundo e que a África em particular tinha testemunhado mudanças enormes, particularmente na procura dos sistemas mais viáveis e mais eficazes de governação democrática, o respeito pelos direitos humanos e o estado de lei.

4. Disse ainda que o estabelecimento da União Africana constituiu uma indicação forte da necessidade de se iniciar uma nova fase na história do continente, na sua busca incansável de soluções para muitos problemas e desafios com que se vem confrontando, assim como o compromisso dos líderes africanos de acelerarem o processo de integração sócio-económica e política do continente. O governo da união proposto para África visava proporcionar uma visão e um sentido de direcção no futuro da União Africana e da unidade africana. O Vice-presidente da Comissão enfatizou o papel importante que os sistemas legais nos Estados-membros, bem como os ministros da Justiça e os procuradores gerais têm que desempenhar na prossecução da agenda da integração do continente.

5. O Vice-presidente indicou que a decisão da Conferência de fundir o Tribunal de Justiça da União Africana com o Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos baseou-se na necessidade de se criar um órgão judicial forte e eficiente, que resolveria as questões legais que se prendem com a integração política e sócio-económica mais estreita, bem como eventuais diferendos entre os Estados. Indicou mais adiante que a proposta Comissão da UA sobre o Direito

Internacional reforçaria ainda mais o quadro jurídico da União Africana e serviria como um círculo de reflexão para a União e seus Estados-membros. Ele sublinhou a necessidade de se reverem os procedimentos de ratificação dos Tratados dentro dos Estados-membros, com o propósito de acelerar os processos de integração do continente e a realização dos objectivos da União.

7. Nas suas observações conclusivas, o Vice-presidente recordou que o mandato da actual Comissão aproximava-se do fim, mas que a Comissão eleita continuaria sem dúvida a tarefa de promover uma integração mais estreita do continente, dado que esta era uma orientação política primordial dos dirigentes africanos. Desejou êxitos à reunião, nas suas deliberações e expressou a sua confiança de que a Conferência Ministerial trabalharia com determinação para conseguir o melhor acordo e que concluiria a tarefa que têm pela frente na concretização dos objectivos de integração económica/política do continente.

8. seguidamente, declarou oficialmente aberta a reunião dos Ministros da Justiça e Procuradores Gerais.

IV. ELEIÇÃO DA MESA

9. A reunião elegeu a seguinte Mesa:

- Presidente: Tanzânia (Sr. Mathew Chikawe, Ministro da Justiça e Assuntos Constitucionais)
- 1ºVice-presidente: Líbia (Sr. Mustafa M. Fadel, Secretário do Comité Popular Geral para a Justiça)
- 2ºVice-presidente: Nigéria (Chief Michael Kaase Aondoakaa, Ministro da Justiça)
- 3ºVice-presidente: Gabão (Sr. Gabriel Nzet Bitegue, Secretário Geral do Ministério Justiça)
- Relator: Namíbia (Sr. Utoni Nujoma, Vice-ministro da Justiça e Procurador Geral)

V. CONSIDERAÇÃO E ADOÇÃO DA AGENDA

10. A reunião adoptou a seguinte Agenda de Trabalhos:

1. Consideração e Adopção do Projecto de Agenda
2. Organização dos Trabalhos
3. Consideração de:
Instrumento Jurídico Único para a Fusão do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos com o Tribunal de Justiça da União Africana
4. Adopção das Recomendações e dos Projectos de Documentos Jurídicos
5. Diversos

6. Cerimónia de Encerramento

VI. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

11. A reunião adoptou os seguintes horários de trabalho:

- Manhã: 9h00 - 13h00
- Tarde: 14h30 - 18h00.

VII. ÂMBITO DO RELATÓRIO

12. Este relatório deverá proporcionar um resumo das deliberações e das recomendações adoptadas pela reunião.

VIII. CONSIDERAÇÃO DOS PONTOS DA AGENDA DE TRABALHOS

Ponto 1 da Agenda: Consideração do Projecto de Instrumento Jurídico Único para a Fusão do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos com o Tribunal de Justiça da União Africana

13. A reunião de ministros considerou os Artigos do Protocolo e dos Estatutos entre parênteses e resolveu-os como segue:

Artigo 8 do Protocolo [Assinatura, Ratificação e Adesão]: a reunião decidiu emendar o parágrafo 3 segundo a qual “todo o Estado-membro pode, na altura da assinatura ou aquando do depósito do seu instrumento de ratificação ou de adesão, ou em qualquer outro período depois disso, emitir uma declaração afirmando que aceita a competência do Tribunal para receber casos ao abrigo do Artigo 30 (f), que envolvam um Estado que não tenha feito tal declaração, nomeadamente, os Estados-membros terão que fazer uma declaração em que aceitam a competência do Tribunal para conceder acesso de indivíduos e de organizações não-governamentais ao Tribunal. Este instrumento está reflectido no Projecto de Protocolo e de Estatutos.

Artigo 3 dos Estatutos [composição do Tribunal]: a reunião concordou que o número de juizes fosse aumentado de quinze (15) para dezasseis (16) e que cada região geográfica estará representada, sempre que for possível, por três (3) juizes, à excepção da região ocidental, que seria representada por quatro (4) juizes. O artigo 3 foi emendado nesta conformidade.

A emenda ao Artigo 3 resultou numa emenda consequencial ao parágrafo 3 do **Artigo 6** [Lista de Candidatos], segundo o qual os juizes devem ser eleitos a partir de duas listas, A e B, oito juizes (8) serão eleitos da lista A e oito (8) da lista B, em vez de oito (8) e sete (7).

O **Artigo 16** [Secções do Tribunal] foi também por consequência, emendado, segundo a qual o Tribunal terá duas (2) secções e cada uma delas será composta

por oito (8) juizes, tal como está reflectido nos Projectos de Protocolo e de Estatutos.

IX. ADOÇÃO DOS PROJECTOS DOS DOCUMENTOS JURÍDICO

14. No fim de suas deliberações, a Conferência de Ministros adoptou o Projecto de Instrumento Jurídico Único para a Fusão do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos com o Tribunal de Justiça da União Africana.

15. A Conferência adoptou igualmente uma Declaração sobre o abuso do princípio de “jurisdição universal” por alguns Estados não-africanos, na sequência de uma declaração feita pelo representante da República do Ruanda, e pediu a Comissão do UA para realizar um estudo sobre a matéria e fazer recomendações apropriadas à Conferência da União, através do Conselho Executivo durante as suas próximas sessões ordinárias agendadas para Sharm El-Sheikh, em julho 2008 .

16. O Presidente agradeceu a todas as delegações pela sua objectividade e cooperação, que possibilitaram a Conferência concluir os seus trabalhos atempadamente. O procurador geral do Quênia, Sr. Amos Wako, em seu nome próprio e em nome da reunião, agradeceu o Presidente pela sua sabedoria na condução da reunião. Ele agradeceu igualmente a Comissão por todos os arranjos feitos. O Conselheiro Jurídico da UA, Sr. Ben Kioko, agradeceu a todos os Ministros e Procuradores Gerais pela cooperação estendida à Comissão e por terem arranjado tempo para participarem na reunião.

11. DATA E LOCAL DA PRÓXIMA REUNIÃO

17. A reunião concordou na organização de uma reunião de seguimento a nível de Ministros da Justiça e de Procuradores Gerais, em Outubro/Novembro de 2008, a fim de considerar outras questões de fórum jurídico.

12. DIVERSOS

18. Não houve nenhuma questão levantada sob este ponto.

ANEXO I: Projecto de Protocolo sobre a Fusão dos Tribunais

Anexo II. Declaração sobre o abuso dos princípios de jurisdição universal por alguns Estados

EX.CL/431 (XIII)
Anexo 1

**PROJECTO DE PROTOCOLO RELATIVO AOS ESTATUTOS
DO TRIBUNAL AFRICANO DE JUSTIÇA E DOS DIREITOS
HUMANOS**

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

Addis Ababa, ETHIOPIA P. O. Box 3243 Telephone : 517 700 Fax : 517844
website: www.africa-union.org

**Reunião dos Ministros da Justiça/Procuradores
Gerais sobre Questões Jurídicas
14 – 18 de Abril de 2008
Adis Abeba - Etiópia**

MinJustice/Legal/6 Rev. 2
Original: Inglês

**PROJECTO DE PROTOCOLO RELATIVO
AOS ESTATUTOS DO TRIBUNAL AFRICANO DE
JUSTIÇA E DOS DIREITOS HUMANOS**

Emendado pela Reunião dos Ministros da Justiça/Procuradores Gerais, realizada em Addis Abeba (Etiópia) na Sede da União Africana aos 18 de Abril de 2008

ÍNDICE

PROTOCOLO

PREÂMBULO

CAPÍTULO I: FUSÃO DO TRIBUNAL AFRICANO DOS DIREITOS DO HOMEM E DOS POVOS E O TRIBUNAL DE JUSTIÇA DA UNIÃO AFRICANA

- Artigo 1 - Revogação dos Protocolos de 1998 e 2003
- Artigo 2 - Criação de um Tribunal Único
- Artigo 3 - Referência ao Tribunal Único no Acto Constitutivo

CAPÍTULO II: DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

- Artigo 4 - Mandato dos Juizes do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos
- Artigo 5 - Petições em Instância no Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos
- Artigo 6 - Cartório do Tribunal
- Artigo 7 - Validade Transitória do Protocolo de 1998

CAPÍTULO III: DISPOSIÇÕES FINAIS

- Artigo 8 - Assinatura, ratificação e adesão
- Artigo 9 - Entrada em vigor

ESTATUTOS DO TRIBUNAL AFRICANO DE JUSTIÇA E DOS DIREITOS HUMANOS

CAPÍTULO I: DISPOSIÇÕES GERAIS

- Artigo 1 - Definições
- Artigo 2 - Atribuições do Tribunal

CAPÍTULO II: ORGANIZAÇÃO DO TRIBUNAL

- Artigo 3 - Composição
- Artigo 4 - Qualificações dos Juizes
- Artigo 5 - Apresentação de Candidatos
- Artigo 6 - Listas de Candidatos
- Artigo 7 - Eleição de Juizes
- Artigo 8 - Duração do Mandato
- Artigo 9 - Exoneração, Suspensão e Demissão de um Juíz
- Artigo 10 - Vacatura do Posto
- Artigo 11 - Declaração Solene
- Artigo 12 - Independência
- Artigo 13 - Incompatibilidades
- Artigo 14 - Condições que regem a participação dos Juizes na resolução de um caso específico
- Artigo 15 - Privilégios e Imunidades
- Artigo 16 - Secções do Tribunal
- Artigo 17 - Distribuição de Petições para as Secções
- Artigo 18 - Encaminhamento de assuntos à Plenária do Tribunal
- Artigo 19 - Câmaras
- Artigo 20 - Sessões
- Artigo 21 - Quórum
- Artigo 22 - Presidência, Vice-presidência e Cartório
- Artigo 23 - Remuneração dos Juizes

- Artigo 24 - Condições de trabalho do Escrivão e dos Funcionários do Cartório
- Artigo 25 - Sede e Carimbo do Tribunal
- Artigo 26 - Orçamento
- Artigo 27 - Regulamento

CAPÍTULO III: COMPETÊNCIA DO TRIBUNAL

- Artigo 28 - Competência material
- Artigo 29 - Entidades autorizadas a intervir no Tribunal
- Artigo 30 - Outras entidades autorizadas a intervir no Tribunal
- Artigo 31 - Direito aplicável

CAPÍTULO IV: PROCEDIMENTOS

- Artigo 32 - Línguas Oficiais
- Artigo 33 - Apresentação de uma petição à Secção dos Assuntos Gerais
- Artigo 34 - Apresentação de uma petição à Secção dos Direitos do Homem e dos Povos
- Artigo 35 - Medidas Provisórias
- Artigo 36 - Representação das Partes
- Artigo 37 - Comunicações e Notificações
- Artigo 38 - Procedimentos do Tribunal
- Artigo 39 - Publicidade das Audiências
- Artigo 40 - Actas das Audiências
- Artigo 41 - Julgamento à Revelia
- Artigo 42 - Maioria Exigida para as Decisões do Tribunal
- Artigo 43 - Fundamentação dos despachos e decisões
- Artigo 44 - Opiniões dissidentes
- Artigo 45 - Indemnização
- Artigo 46 - Força Obrigatória e Execução das Decisões
- Artigo 47 - Interpretação
- Artigo 48 - Revisão
- Artigo 49 - Intervenção
- Artigo 50 - Intervenção num caso relativo à interpretação do Acto Constitutivo
- Artigo 51 - Intervenção num caso relativo à interpretação de outros Tratados
- Artigo 52 - Custas Judiciais

CAPÍTULO V: PARECERES CONSULTIVOS

- Artigo 53 - Pedido de Parecer Consultivo
- Artigo 54 - Notificações
- Artigo 55 - Emissão de parecer Consultivo
- Artigo 56 - Aplicação, por analogia, das disposições dos Estatutos aplicáveis às matérias de contencioso

CAPÍTULO VI: RELATÓRIO PARA A CONFERÊNCIA

- Artigo 57 - Relatório Anual de Actividades

CAPÍTULO VII: PROCEDIMENTOS PARA EMENDAS

- Artigo 58 - Propostas de emenda provenientes de um Estado Parte
- Artigo 59 - Propostas de emenda provenientes do Tribunal
- Artigo 60 - Entrada em vigor das emendas

**PROTOCOLO RELATIVO AOS ESTATUTOS DO TRIBUNAL
AFRICANO DE JUSTIÇA E DOS DIREITOS HUMANOS**

Os Estados Membros da União Africana, Partes do presente Protocolo,

EVOcando os objectivos e os princípios enunciados no Acto Constitutivo da União Africana, adoptado em Lomé, Togo, a 11 de Julho de 2000, nomeadamente o compromisso para a resolução de diferendos através de meios pacíficos;

TENDO PRESENTE o empenho na promoção da paz, segurança e estabilidade no Continente e na protecção dos Direitos do Homem e dos Povos, em conformidade com a Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, assim como com outros instrumentos pertinentes relativos aos Direitos Humanos;

CONSIDERANDO que o Acto Constitutivo da União Africana prevê a criação de um Tribunal de Justiça encarregue de apreciar, entre outros, quaisquer questões relativas à interpretação ou aplicação do referido Acto ou de qualquer outro Tratado, adoptado no quadro da União Africana;

CONSIDERANDO AINDA as Decisões Assembly/AU/Dec. 45 (III) e Assembly/AU/Dec. 83 (V) da Assembleia da União, adoptadas nas suas Terceira e Quinta Sessões Ordinárias (6-8 de Julho de 2004, em Adis Abeba, Etiópia) e (4-5 de Julho de 2005, em Sirte, Líbia), respectivamente, sobre a fusão do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos e do Tribunal de Justiça da União Africana, num único Tribunal.

FIRMEMENTE CONVENCIDOS que a criação de um Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos permitirá a concretização dos objectivos prosseguidos pela União Africana e que a realização dos objectivos da Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos exige o estabelecimento de um órgão judiciário para complementar e reforçar a missão da Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e do Comité Africano de Especialistas em matéria dos Direitos e do Bem-Estar da Criança;

TOMANDO DEVIDAMENTE EM CONSIDERAÇÃO o Protocolo à Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, relativo à criação de um Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos, adoptado pela Conferência dos Chefes de Estado e de Governo da Organização da Unidade Africana, a 10 de Junho de 1998, em Ouagadougou, Burkina Faso, que entrou em vigor a 25 de Janeiro de 2004;

DE IGUAL MODO, TOMANDO EM DEVIDA CONTA o Protocolo do Tribunal de Justiça da União Africana, adoptado pela Conferência da União em Maputo, Moçambique, a 11 de Julho de 2003;

EVOcando o seu empenho na tomada de todas as medidas necessárias para o reforço das suas instituições comuns e na dotação de poderes e recursos necessários, para lhes permitir o cumprimento eficaz das suas missões;

CIENTES do Protocolo à Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos relativo aos Direitos da Mulher em África, e dos compromissos consignados na Declaração Solene sobre a Igualdade entre os Homens e as Mulheres em África (Assembly/AU/Decl.12 (III) adoptados pela Conferência da União durante as suas Segunda e Terceira Sessões Ordinárias, em Julho de 2003 e 2004, de Maputo (Moçambique) e Adis Abeba (Etiópia), respectivamente;

CONVENCIDOS que o presente Protocolo é complemento do mandato e dos esforços de outros órgãos do Tratado continental, assim como as instituições nacionais na protecção dos direitos humanos;

ACORDAM NO SEGUINTE:

Capítulo I

FUSÃO ENTRE O TRIBUNAL AFRICANO DOS DIREITOS DO HOMEM E DOS POVOS E O TRIBUNAL DE JUSTIÇA DA UNIÃO AFRICANA

Artigo 1

Revogação dos Protocolos de 1998 e 2003

O Protocolo à Carta Africana sobre os Direitos do Homem e dos Povos relativo à criação de um Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos, adoptado a 10 de Junho de 1998 em Ouagadougou, Burkina Faso, que entrou em vigor a 25 de Janeiro de 2004, e o Protocolo do Tribunal de Justiça da União Africana, adoptado a 11 de Julho de 2003, em Maputo, Moçambique, são substituídos pelo presente Protocolo e os respectivos Estatutos em anexo, parte integrante deste, sob reserva das disposições dos Artigos 5, 7 e 9 do presente Protocolo.

Artigo 2

Criação de um Tribunal Único

O Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos e o Tribunal de Justiça da União Africana estabelecido pelo Protocolo à Carta Africana sobre os Direitos do Homem e dos Povos relativo ao estabelecimento de um Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos e o Tribunal de Justiça da União Africana, estabelecido pelo Acto Constitutivo da UA, são fundidos num único tribunal e estabelecido como “Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos”.

Artigo 3

Referência ao Tribunal Único no Acto Constitutivo

As referências feitas ao “Tribunal de Justiça” no Acto Constitutivo da União Africana são interpretadas como referências ao Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos instituído pelo Artigo 2 do presente Protocolo.

Capítulo II DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Artigo 4

Mandato dos Juízes do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos

O mandato dos Juízes do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos termina na data das eleições dos Juízes do Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos. Porém, os Juízes permanecem em função até a tomada de posse dos Juízes eleitos do Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos.

Artigo 5

Petições em instância no Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos

As petições em instância no Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos, cuja apreciação não tenha sido concluída antes da entrada em vigor do presente Protocolo, serão transferidos para à Secção dos Direitos do Homem do Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos. Estas petições devem ser analisadas de acordo com as disposições do Protocolo relativo a Carta africana sobre os Direitos do homem e dos Povos para criação do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos.

Artigo 6

Cartório do Tribunal

O Escrivão do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos permanece em funções até a nomeação do Escrivão do Tribunal de Justiça e dos Direitos Humanos.

Artigo 7

Validade Transitória do Protocolo de 1998

O Protocolo à Carta Africana sobre os Direitos do Homem e dos Povos relativo à criação de um Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos permanece em vigor durante um período transitório não superior a um ano ou um outro período fixado pela Conferência, após a entrada em vigor do presente Protocolo, de modo a permitir ao Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos tomar as medidas apropriadas para a transferência das suas prerrogativas, património, direitos e obrigações para o Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos.

Capítulo III DISPOSIÇÕES FINAIS

Artigo 8 Assinatura, Ratificação e Adesão

1. O presente Protocolo está aberto à assinatura, ratificação ou adesão dos Estados Membros segundo os seus respectivos procedimentos constitucionais.
2. Os instrumentos de ratificação ou de adesão ao presente Protocolo são depositados junto do Presidente da Comissão da União Africana.
3. Qualquer Estado Parte pode, no momento da assinatura, depositado seu instrumento de ratificação ou adesão ou em qualquer outro momento depois de entrada em vigor deste Protocolo, fazer uma declaração de aceitação da competência do Tribunal para receber petições enunciadas no artigo 30 concernente um Estado Parte que não faz parte desta declaração.

Artigo 9 Entrada em Vigor

1. O presente Protocolo e os Estatutos anexos entram em vigor trinta (30) dias após o depósito dos instrumentos de ratificação de quinze (15) Estados Membros.
2. Para qualquer Estado-membro que ratificar ou aderir do presente Protocolo, entrará em vigor a partir da data do depósito do instrumento de ratificação ou de adesão.
3. O Presidente da Comissão informa os Estados Membros da entrada em vigor do presente Protocolo.

Adoptado pela 7ª Sessão Ordinária da Conferência da União em ... Julho de 2008

Anexo

ESTATUTOS DO TRIBUNAL AFRICANO DE JUSTIÇA E DOS DIREITOS HUMANOS

**CAPÍTULO I
DISPOSIÇÕES GERAIS**

**Artigo 1
Definições**

1. Nos presentes Estatutos, salvo indicação em contrário, entende-se por:
 - “**Carta Africana**”, Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos;
 - “**Comissão Africana**”, Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos;
 - “**Comité Africano de Peritos**”, Comité Africano de Peritos sobre os Direitos e Bem-estar da Criança;
 - “**Organizações Inter-governamentais Africanas**”, Organização, criada com vista a integração sócio-económica, à qual alguns Estados Membros atribuíram certas competências para agir em seu nome, assim como em nome de outras Organizações Sub-regionais, Regionais ou Inter-africanas;
 - “**Organizações Não-governamentais Africanas**”, são organizações não-governamentais aos níveis sub-regional, regional e inter-africano, bem como as que se encontram na diáspora, tal como poderão ser definidas pelo Conselho Executivo.
 - “**Agente**”, pessoa física com mandato, por escrito, para representar uma das partes perante o Tribunal;
 - “**Conferência**”, Conferência dos Chefes de Estado e de Governo da União;
 - “**Câmara(s)**” Câmara criada ao abrigo do Artigo 19 do presente Estatuto;
 - “**Acto Constitutivo**” Acto Constitutivo da União Africana;
 - “**Comissão**”, Comissão da União;
 - “**Tribunal**”, Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos bem como as Secções e Câmaras;
 - “**Conselho Executivo**”, Conselho Executivo dos Ministros da União;
 - “**Sessão Plenária**”, Sessão conjunta da Secção dos Assuntos Gerais e da Secção dos Direitos do Homem;

“Secção dos Direitos Humanos” a Secção dos Direitos do Homem e dos Povos do Tribunal;

“Juiz”, um Juiz do Tribunal;

“Estado-membro”, Estado Membro da União;

“Instituições Nacionais dos Direitos Humanos”, as instituições públicas estabelecidas pelo Estado para promover e proteger os direitos humanos;

“Presidente”, o Presidente do Tribunal eleito em conformidade com o Artigo 22(1) dos Estatutos;

“Protocolo”, o Protocolo relativo aos Estatutos do Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos;

“Escrivão”, pessoa designada ao abrigo do Artigo 22 (4) dos presentes Estatutos;

“Regulamento”, o Regimento Interno do Tribunal;

“Secção”, a Secção dos Assuntos Gerais ou a Secção dos Direitos Humanos do Tribunal;

“Juiz Sénior” a pessoa definida como tal no Regulamento Interno do Tribunal;

“Estados Partes” os Estados Membros que ratificaram ou aderiram ao presente Protocolo;

“Estatutos”, os presentes Estatutos;

“União”, a União Africana criada pelo Acto Constitutivo;

“Vice-presidente”, o Vice-presidente do Tribunal eleito em conformidade com o Artigo 22 (1) dos Estatutos.

Artigo 2 **Atribuições do Tribunal**

1. O Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos é o Principal Órgão Judicial da União Africana.
2. O Tribunal é constituído e funciona em conformidade com as disposições dos presentes Estatutos.

CAPÍTULO II ORGANIZAÇÃO DO TRIBUNAL

Artigo 3 Composição

1. O Tribunal é composto por quinze (16) Juízes, nacionais dos Estados Parte. Sob recomendação do Tribunal, a Conferência poderá rever o número de juízes.
2. Em nenhum momento o Tribunal integrará mais de um juiz proveniente do mesmo Estado Membro.
3. Cada região geográfica do continente , tal como definida pelas decisões da Conferência, é representada quando possível, por três (3) juizes, a exceção da Região Ocidental que será representada por quatro (4).(4) Juizes.

Artigo 4 Qualificações dos Juízes

O Tribunal é composto por magistrados imparciais e independentes, eleitos entre personalidades de alto respeito moral, que reúnem as condições exigidas para o exercício das mais altas funções judiciárias nos respectivos países, e/ou que sejam juristas de reconhecida competência e experiência em matéria de Direito Internacional e/ou dos Direitos Humanos.

Artigo 5 Apresentação de Candidaturas

1. A partir da entrada em vigor do Protocolo relativo aos presentes Estatutos, o Presidente da Comissão solicitará a cada Estado Parte que submeta, por escrito, num período de noventa (90) dias, candidaturas para postos de Juizes do Tribunal.
2. Cada Estado Parte poderá apresentar até dois (2) candidatos e, no processo de nomeação, deve ter em conta a necessidade de uma representação equitativa do género.

Artigo 6 Listas de Candidatos

1. Para efeitos de eleição, o Presidente da Comissão elaborará duas listas, por ordem alfabética, dos candidatos apresentados:
 - (i) Lista A, contendo os nomes dos candidatos de reconhecida competência e experiência no domínio do direito internacional; e

(ii) Lista B, contendo os nomes dos candidatos de reconhecida competência e experiência jurídica no domínio dos direitos humanos.

2. Os Estados Parte que apresentam os candidatos possuidores de competências exigidas para figurar nas duas listas, devem escolher a lista em que os seus candidatos são integrados.

3. Durante a primeira eleição, oito (8) juizes são eleitos dentre os candidatos constantes da lista A e oito (8) dentre os que figuram na lista B. As eleições são organizadas de maneira a manter-se a mesma proporção de juizes eleitos nas duas listas.

4. O Presidente da Comissão deverá comunicar as duas listas aos Estados Membros, pelo menos trinta (30) dias antes da Sessão Ordinária da Conferência ou do Conselho, durante a qual as eleições terão lugar.

Artigo 7 **Eleição de Juzes**

1. Os Juizes são eleitos pelo Conselho Executivo e nomeados pela Conferência.

2. Os Juizes do Tribunal são eleitos por voto secreto, por uma maioria de dois terços dos Estados Membros com direito a voto, entre os candidatos referidos no Artigo 6 dos presentes Estatutos.

3. São considerados eleitos os candidatos que tenham obtido a maioria de votos dos Estados Membros referidos no parágrafo anterior. Caso seja necessário proceder a várias voltas do escrutínio, serão eliminados sucessivamente os candidatos que obtiverem o menor número de votos.

4. A Conferência deve assegurar que a composição do Tribunal como um todo reflecta uma repartição geográfica equitativa das regiões, bem como as principais tradições jurídicas do Continente.

5. Durante as eleições dos juizes, a Conferência deverá assegurar que existe uma representação equitativa do género.

Artigo 8 **Duração do Mandato**

1. Os Juizes são eleitos por um período de seis (6) anos, e são reeleitos uma única vez. Todavia, o mandato de oito (8) Juizes, quatro (4) para cada secção, eleitos durante o primeiro escrutínio terminará depois de transcorridos os quatro (4) anos.

2. Os Juizes cujos mandatos terminam depois do período inicial de quatro (4) anos, para cada secção, são sorteados pelo Presidente da Conferência ou pelo Conselho Executivo, imediatamente após a primeira eleição.

3. O Juíz que for eleito em substituição de um outro membro cujo mandato não tenha expirado, completa o mandato do seu predecessor.

4. Todos os Juízes, excepto o Vice-presidente, desempenham as suas funções a tempo parcial.

Artigo 9

Demissão, Suspensão e Exoneração do Juíz

1. Um Juíz pode solicitar a demissão do seu cargo por carta endereçada ao Presidente e submetida posteriormente ao Presidente da Conferência, através do Presidente da Comissão.

2. Um juíz só poderá ser suspenso ou demitido das suas funções se, por recomendação de uma maioria de dois terços dos outros membros, caso ele/a deixe de reunir as condições exigidas para desempenhar o cargo de Juiz.

3. O Presidente submete a recomendação de suspensão ou desvinculação de um Juíz ao Presidente da Conferência, através do Presidente da Comissão.

4. Tal recomendação do Tribunal é definitiva, após a sua adopção pela Conferência.

Artigo 10

Vacatura do Posto

1. Um cargo é considerado vago nas seguintes condições:

- (a) Morte;
- (b) Demissão;
- (c) Desvinculação do cargo.

2. Em caso de morte ou pedido de demissão de um Juíz, o Presidente deve informar imediatamente ao Presidente da Conferência, através do Presidente da Comissão, que declarará posteriormente o posto vago.

3. Para preenchimento das vagas devem ser observados os mesmos procedimentos utilizados para a eleição de um Juíz.

Artigo 11

Declaração Solene

1. Os Juízes eleitos depois da primeira eleição deverão, na primeira sessão do Tribunal e, na presença do Presidente da Conferência, fazer uma declaração solene com o seguinte teor:

“Eu..... juro (ou afirmo ou declaro) solenemente que exercerei com lealdade os deveres inerentes ao meu cargo como Juíz do Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos da União Africana e, de forma imparcial e consciente, sem receio ou indulgência, afeição ou má-fé e que preservarei a integridade do Tribunal”.

2. A declaração é feita na presença do Presidente da Conferência ou do seu representante devidamente credenciado.

3. Para os Juizes eleitos posteriormente, a declaração solene é feita perante o Presidente do Tribunal.

Artigo 12 Independência

1. A independência dos juizes deve ser cabalmente assegurada em conformidade com o direito internacional.

2. O Tribunal deverá actuar com imparcialidade, equidade e justiça.

3. No desempenho das funções e deveres judiciais, o Tribunal e os Juízes não poderão ser sujeitos ao controlo de qualquer pessoa ou entidade.

Artigo 13 Conflito de Interesses

1. As funções de um Juíz são incompatíveis com quaisquer outras actividades susceptíveis de interferir na independência ou imparcialidade da sua profissão. Em caso de dúvida, o Tribunal decide.

2. Um Juíz não poderá exercer funções de agente, conselheiro ou advogado em nenhum caso que tenha sido submetido ao Tribunal.

Artigo 14 Condições para a Participação dos Membros do Tribunal na Resolução de um Específico Caso

1. Quando um Juíz constatar, ao seu nível, um conflito de interesses na solução de um diferendo, deve declará-lo. Em todo caso, não deverá participar na apreciação do caso ao qual anteriormente tenha intervindo como agente conselheiro ou advogado ou na qualidade de membro de um tribunal nacional ou internacional, comissão de inquérito ou mesmo outra qualquer qualidade.

2. Se o Presidente entendeu que um Juíz não deve participar na apreciação de um caso ele/ela, deve notificar o facto ao Juíz em causa. Esta notificação do Presidente, ouvido o Tribunal, excluirá a participação do Juíz em causa para o apreciação do caso em questão.

3. O Juíz de nacionalidade de um dos Estados Parte sujeita a uma instância constituída em Plenária do Tribunal ou em uma das suas Secções será impedido de participar no julgamento.

4. Caso subsistam dúvidas sobre estes pontos, o Tribunal decide.

Artigo 15 **Privilégios e Imunidades**

1. Depois da sua eleição e durante todo o seu mandato, os juízes gozam dos privilégios e imunidades concedidos aos diplomatas, de acordo com o direito internacional.

2. Os juízes gozam de imunidade de jurisdição em relação aos actos ou omissões cometidos no desempenho das suas funções oficiais.

3. Os juízes continuam a gozar da imunidade após a cessação das suas funções em relação aos actos praticados durante o exercício das suas funções oficiais.

Artigo 16 **Secções do Tribunal**

O Tribunal é dividido em duas (2) secções: Secção dos Assuntos Gerais, composta por oito (8) Juizes; e Secção dos Direitos Humanos, composta por oito (8) Juizes.

Artigo 17 **Distribuição da petições pelas Secções**

1. A Secção dos Assuntos Gerais aprecia todos os casos apresentados ao abrigo do Artigo 28 dos presentes Estatutos, à excepção daqueles relacionados com questões dos direitos do homem e/ou dos povos.

2. A Secção dos Direitos do Homem aprecia assuntos relativos aos Direitos do Homem e/ou dos Povos.

Artigo 18 **Distribuição das Petições à Plenária do Tribunal**

Quando a Secção do Tribunal for notificada de uma petição, ela poderá, se julgar necessário, remetê-la à consideração da Plenária do Tribunal.

Artigo 19 Câmaras

1. A Secção dos Assuntos Gerais e a dos direitos humanos pode, a qualquer momento, constituir uma ou várias câmaras. O quórum necessário para a constituição dessas Câmaras deverá ser determinado no Regimento do Tribunal.
2. Todo o julgamento feito por uma secção ou câmara deverá ser considerado como um acto do Tribunal.

Artigo 20 Sessões

1. O Tribunal reúne-se em sessões ordinárias ou extraordinárias.
2. Todos os anos, o Tribunal fixa os períodos das suas Sessões Ordinárias.
3. As Sessões Extraordinárias são convocadas pelo Presidente ou a pedido da maioria dos Juízes.

Artigo 21 Quórum

1. O quórum para as deliberações do Tribunal, em Plenária, é de nove (9) juízes.
2. O quorum para as deliberações da Secção dos Assuntos Gerais é de seis (6) juízes.
3. O quórum para as deliberações da Secção dos Direitos do Homem e dos Povos é de seis (6) juízes.

Artigo 22 Presidência, Vice-presidência e Cartório

1. Aquando da Primeira Sessão Ordinária, logo após à eleição dos Juízes, o Tribunal, constituído em Sessão Plenária, elege o Presidente e o seu Vice-Presidente, na base de listas diferentes por um período de três (3) anos. O Presidente e o Vice-Presidente são reeleitos uma vez.
2. O Presidente preside todas as Sessões Plenárias do Tribunal. No caso de impedimento, ele ou ela serão substituído pelo Vice-presidente. Ele preside igualmente as sessões da sessão donde proveio e em caso de impedimento será substituído pelo decano dos Juízes desta Secção
3. O Vice-presidente preside todas as reuniões da sua Secção. Em caso de impedimento, é substituído pelo decano daquela secção.

4. O Tribunal nomeia o seu Escrivão e poderá proceder à nomeação de outros funcionários que julgar necessário.
5. O Presidente, o Vice-Presidente, assim como o Escrivão residem no lugar da Sede do Tribunal.

Artigo 23

Remuneração dos Juizes

1. O Presidente e o Vice-Presidente recebem um salário anual e outros subsídios.
2. Os outros Juizes recebem uma senha de presença por cada dia em que exercem as suas funções.
3. Os salários, senhas de presença e subsídios são fixados pela Conferência, mediante proposta do Conselho Executivo. Eles não podem ser reduzidos durante o mandato dos Juizes.
4. Os regulamentos adoptados pela Conferência, sob proposta do Conselho Executivo, fixam as condições de pagamento das pensões de reforma aos Juizes, bem como as modalidades de reembolso das despesas de viagem.
5. Os salários, senhas de presença e subsídios acima mencionados, estão isentos de todo o tipo de impostos.

Artigo 24

Condições de Trabalho do Escrivão e do Pessoal do Cartório

Os salários e as condições de trabalho do Escrivão e de outros funcionários do Tribunal são fixados pela Conferência, sob proposta do Tribunal, por intermédio do Conselho Executivo.

Artigo 25

Sede e Carimbo do Tribunal

1. A Sede do Tribunal é a do Tribunal Africano dos Direitos do Homem e dos Povos. O Tribunal poderá, todavia, estabelecer a sua sede num outro Estado Membro, caso as circunstâncias o exijam, e com o consentimento do Estado Membro em causa. A Conferência poderá mudar a Sede do Tribunal após consultas com este último.
2. O Tribunal dispõe de um carimbo com a seguinte inscrição “Tribunal Africano de Justiça e dos Direitos Humanos”.

Artigo 26 **Orçamento**

1. O Tribunal elabora o seu projecto de orçamento anual e submete-o à aprovação da Conferência, por intermédio do Conselho Executivo.
2. O orçamento do Tribunal é suportado pela União Africana.
3. O Tribunal deverá responder pela execução do seu orçamento e submeter os respectivos relatórios ao Conselho Executivo, em conformidade com o Regulamento Financeiro da União Africana.

Artigo 27 **Regulamento**

1. O Tribunal adopta, através de um regimento, as modalidades do exercício das suas atribuições e aplicação dos presentes Estatutos, deverá particularmente aprovar o seu próprio regulamento.
2. Na elaboração do seu Regulamento, o Tribunal deverá ter presente as relações de complementaridade com a Comissão Africana e o Comité Africano de Peritos.

CAPÍTULO III **COMPETÊNCIAS DO TRIBUNAL**

Artigo 28 **Competência Material do Tribunal**

As competências do Tribunal estendem-se a todos os assuntos e diferendos de natureza jurídica que lhe são submetidos ao abrigo dos presentes Estatutos, tendo como objecto:

- a) A interpretação e aplicação do Acto Constitutivo;
- b) A interpretação, aplicação ou validação de outros tratados da União e outros instrumentos jurídicos emergentes adoptados no quadro da União ou da Organização da Unidade Africana;
- c) A interpretação ou aplicação da Carta Africana, a Carta Africana dos Direitos e do Bem-Estar da Criança, do Protocolo à Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos relativo aos Direitos da Mulher ou de todos outros instrumentos jurídicos relativos aos Direitos Humanos aos quais os Estados interessados são Partes;
- d) Quaisquer assuntos de Direito Internacional;

- e) Todos os Actos, Decisões, Regulamentos e Directivas dos órgãos da União;
- f) Quaisquer questões especificamente previstas em outros acordos assinados entre os Estados Partes ou com a União, atribuindo competências ao Tribunal;
- g) A existência de qualquer facto que, quando provado, constituirá uma violação a uma obrigação para um Estado Parte ou a União;
- h) A natureza ou o montante contra da compensação decorrente do não cumprimento de ruptura de uma obrigação internacional.

Artigo 29

Entidades Autorizadas a Intervir no Tribunal

1. As entidades que se seguem estão autorizadas a apresentar no Tribunal qualquer caso ou diferendo previstos no Artigo 28:

- a) Os Estados Partes ao presente Protocolo;
- b) A Conferência, o Parlamento e outros Órgãos da União, com o aval da Cimeira;
- c) Um membro do pessoal da União em recurso num litígio nos limites e condições definidas nos Estatutos e no Regulamento do Pessoal da União

2. O Tribunal não está aberto aos Estados Não-membros da União e não tem competência para deliberar sobre um diferendo que envolve um Estado Membro que não é Parte dos presentes Estatutos .

Artigo 30

Outras Entidades Autorizadas a Intervir no Tribunal

As entidades que se seguem podem interpor no Tribunal qualquer caso de violação de um direito que lhes é garantido pela Carta Africana, a Carta dos Direitos e Bem-estar da Criança, o Protocolo à Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos relativo aos Direitos da Mulher, ou por outros instrumentos jurídicos relevantes aos Direitos Humanos aos quais são Partes os Estados interessados:

- a) Os Estados-parte do presente Protocolo;
- b) A Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos;

- c) O Comité Africano de Peritos sobre os Direitos e o Bem-Estar da Criança;
- d) Organizações inter-governamentais africanas acreditadas junto da União ou seus órgãos;
- e) Instituições Nacionais Africanas dos Direitos Humanos;
- f) Pessoas físicas ou Organizações Não-governamentais relevantes acreditadas na União Africana ou junto dos seus órgãos são sujeitas as disposições do artigo 8 do Protocolo.

Artigo 31 **Direito Aplicável**

1. No exercício das suas funções, o Tribunal deverá lidar com o seguinte:
 - a) O Acto Constitutivo;
 - b) Os Tratados internacionais, gerais ou especiais, aos quais os Estados em litígio são Partes;
 - c) O costume internacional, como prova de uma prática geral, aceite como de direito;
 - d) Os princípios gerais do direito reconhecidos universalmente ou pelos Estados Africanos;
 - e) Sob reserva das disposições do parágrafo (1) do Artigo 47 dos presentes Estatutos, as decisões judiciais e a doutrina dos autores mais qualificados de diferentes países, assim como os regulamentos, directivas e decisões da União como meios auxiliares de determinação das normas de Direito;
 - f) Qualquer outra lei relevante para a apreciação.
2. O presente artigo não atenta contra a faculdade do Tribunal, apreciar segundo o princípio ex-aequo et bono, caso as Partes assim acordarem.

Capítulo IV PROCEDIMENTOS

Artigo 32 Línguas Oficiais

As línguas oficiais e de trabalho do Tribunal são as da União.

Artigo 33 Apresentação de petições na Secção dos Assuntos Gerais

1. A apresentação de casos ao Tribunal, em conformidade com o Artigo 29 dos presentes Estatutos, será feita ao Escrivão, por escrito. O objecto do litígio deve ser mencionado, assim como os fundamentos jurídicos da petição.
2. O Escrivão deve notificar imediatamente da petição à todas as Partes interessadas.
3. O Escrivão deve notificar igualmente, por intermédio do Presidente da Comissão, os Estados Membros e, se for o caso, os órgãos da União cujas decisões são questionadas.

Artigo 34 Apresentação de uma petição na Secção dos Direitos do Homem

1. A apresentação de petições no Tribunal relativas a uma alegada violação de um Direito do Homem ou dos Povos será feita por carta endereçada ao Escrivão. A queixa deve mencionar os direitos supostamente violados e, tanto quanto possível, a disposição ou disposições da Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos, da Carta dos Direitos e do Bem-Estar da Criança, do Protocolo à Carta Africana sobre os Direitos do Homem e dos Povos relativo aos Direitos da Mulher em África ou outro instrumento jurídico relativo aos Direitos do Homem, dos quais os Estados interessados são signatários, que constituem o fundamento da aludida queixa.
2. O Escrivão deve notificar imediatamente da petição todas as Partes interessadas assim como o Presidente da Comissão.

Artigo 35 Medidas Preventivas

1. Quando julgar que as circunstâncias o exigem, o Tribunal tem a prerrogativa de indicar, por iniciativa própria ou a pedido de uma das Partes, quais as medidas preventivas dos respectivos direitos das Partes devem ser provisoriamente tomadas.
2. Enquanto se aguarda pela decisão definitiva, dessas medidas preventivas devem ser notificadas imediatamente às Partes interessadas, bem como o Presidente da Comissão, que as informará à Conferência.

Artigo 36 **Representação das Partes**

1. Os Estados Partes de um litígio são representados pelos respectivos agentes.
2. As Partes poderão, caso necessário, ser assistidas por Conselheiros ou Advogados.
3. Os Órgãos da União Africana autorizados a intervir no Tribunal são representados pelo Presidente da Comissão ou pelo seu/sua Representante.
4. A Comissão Africana, o Comité Africano de Peritos, as Organizações Inter-governamentais acreditadas junto da União ou os seus Órgãos e instituições africanas nacionais dos Direitos Humanos autorizadas a intervir no Tribunal, são representados por qualquer pessoa designada para o efeito.
5. As pessoas físicas e as Organizações Não-governamentais, acreditadas junto da União ou dos seus órgãos podem ser representadas ou assistidas por qualquer agente da sua escolha.
6. Os agentes e outros representantes das Partes no Tribunal, os seus Conselheiros e/ou Advogados, as testemunhas, assim como outras pessoas cuja presença é exigida gozam de privilégios e imunidades necessários para o exercício independente das suas funções ou para o bom funcionamento do Tribunal.

Artigo 37 **Comunicações e Notificações**

1. As comunicações e notificações enviadas aos representantes ou conselheiros das Partes nos litígio são consideradas como dirigidas às Partes interessadas.
2. Nos avisos ou notificações a fazerem-se a outras pessoas que não sejam representantes, conselheiros ou advogados o Tribunal deve enviá-los directamente ao Governo do país em cujo território as comunicações ou avisos produzem efeito.
3. É idêntico o procedimento para a produção de provas no terreno.

Artigo 38 **Processos submetidos ao Tribunal**

Os procedimentos do Tribunal são definidos pelo Regulamento, tendo em conta a complementaridade entre o Tribunal e outros órgãos da União.

Artigo 39
Anúncio das Audiências

As audiências do Tribunal são públicas, a menos que, o Tribunal, por iniciativa própria ou a pedido das Partes, decida que as Sessões decorram à porta fechada.

Artigo 40
Actas das Audiências

1. De cada audiência do Tribunal lavrar-se-á uma Acta, assinada pelo Escrivão e pelo Juíz que preside à Sessão.
2. Essa acta é autêntica.

Artigo 41
Julgamento à Revelia

1. Quando uma das Partes não comparece ou não se dispõe a defender-se, o Tribunal procede a apreciação e lavra a sua sentença.
2. O Tribunal, devendo fazer, deve assegurar-se de que não apenas tem competência para tal, nos termos dos Artigos 28, 29 e 30 dos presentes Estatutos, mas também que as suas deliberações se baseiem em factos e na lei e que outra Parte tomou das circunstâncias a devida nota.
3. A decisão do Tribunal é susceptível de recurso num prazo de noventa (90) dias, contados a partir da data da notificação à Parte interessada. Salvo decisão contrária, o recurso não suspende a execução da decisão tomada a revelia.

Artigo 42
Maioria Requerida para as Decisões do Tribunal

1. Sem prejuízo das disposições do Artigo 51 (4) destes Estatutos, as decisões do Tribunal são tomadas pela maioria dos Juizes presentes.
2. Em caso de empate de votos, o voto do Presidente da Sessão é qualitativo.

Artigo 43
Fundamentação da Decisão

1. O Tribunal deve proferir a sua sentença noventa (90) dias após que se seguem ao fim das audiências
2. Todas as sentenças devem ser fundamentadas.
3. A decisão contém os nomes dos juízes que tomaram parte nas deliberações.

4. A sentença é assinada por todos os Juízes e autenticada pelo Presidente da Sessão e pelo Escrivão. É lida em sessão pública, com a presença dos representantes das Partes previamente notificados.
5. A sentença do Tribunal é notificada às Partes em causa e transmitida aos Estados Membros e à Comissão.
6. O Conselho Executivo, é notificado da sentença e acompanhará a sua execução, em nome da Conferência .

Artigo 44 **Opiniões Dissidentes**

Quando a decisão não exprime no seu todo ou em parte, a opinião unânime dos juízes, qualquer destes tem o direito de dar a sua opinião individual ou dissidente.

Artigo 45 **Indemnização**

Sem prejuízo da sua liberdade de deliberar sobre questões de compensação a pedido de uma Parte nos termos do Parágrafo 1 (h) do Artigo 28, (h) dos presentes Estatutos, o Tribunal pode, logo que decida que houve violação do Direito do Homem e dos Povos, tomar todas as medidas apropriadas com vista a remediar a situação, incluindo o pagamento de uma indemnização justa.

Artigo 46 **Força Obrigatória e Execução das Decisões**

1. A decisão do Tribunal é apenas obrigatória para Partes em litígio.
2. Sob reserva das disposições do parágrafo (3) do artigo 41 do presente Estatuto, a decisão do Tribunal é definitiva.
3. As Partes devem conformar-se às decisões tomadas pelo Tribunal sobre qualquer litígio em que estiverem envolvidas e garantir a sua execução dentro do prazo fixado.
4. Se uma das Partes não respeitar uma decisão, o Tribunal poderá submeter a questão à Conferência, que decidirá sobre as medidas a tomar com vista a fazer prevalecer a decisão.
5. A Conferência tem a prerrogativa de impor sanções nos termos do Artigo 23 (2) do Acto Constitutivo.

Artigo 47 **Interpretação**

Em caso de contestação do conteúdo ou da abrangência de uma decisão, compete ao Tribunal proceder a clarificação, a pedido de qualquer Parte.

Artigo 48 **Revisão**

1. A revisão de uma decisão perante o Tribunal somente poderá ter lugar com fundamento num facto superveniente capaz de ter uma influência decisiva e que, antes do pronunciamento da decisão, não era do conhecimento do Tribunal ou da Parte que solicitou a revisão, sem ter havido negligência da sua parte.
2. O processo de revisão é iniciado por uma decisão do Tribunal, donde expressamente conste o facto novo que em lugar ao pedido de revisão, e declare a sua aceitação.
3. O Tribunal pode subordinar o início do processo de revisão à execução prévia da decisão.
4. O pedido de revisão deve ser apresentado o mais tardar num prazo de seis (6) meses depois da descoberta do novo facto.
5. Nenhum pedido de revisão será aceite depois de esgotado o prazo de dez (10) anos, contados a partir da data da tomada da decisão.

Artigo 49 **Intervenção**

1. Quando um Estado Membro ou um Organismo da União Africana julgar que, num diferendo, está a ser posto em causa um interesse de natureza jurídica, o mesmo tem a prerrogativa de solicitar a sua intervenção e o Tribunal decide.
2. Quando um Estado Membro ou um Organismo da União exerce a liberdade que lhe é oferecida pelo nº1 do presente Artigo, a interpretação contida na decisão é-lhe igualmente obrigatória.
3. No interesse de uma boa administração da justiça, o Tribunal pode convidar qualquer Estado Membro não-parte no litígio, qualquer órgão da União ou outras pessoas interessadas, que não seja o requerente, a fazer observações, por escrito, ou a participar nas audiências.

Artigo 50

Intervenção num caso relativo à interpretação do Acto Constitutivo

1. Quando, num determinado caso, é posta em causa a interpretação do Acto Constitutivo que afecta outros Estados Membros não-partes do litígio, o Escrivão deve avisá-los, o mais cedo possível, assim como aos órgãos da União.
2. Todos têm o direito de intervir no processo.
3. As decisões do Tribunal sobre a interpretação e a aplicação do Acto Constitutivo têm carácter obrigatório em relação aos Estados Membros, assim como em relação aos Órgãos da União, não obstante as disposições do Artigo 46 (1) dos presentes Estatutos.
4. Qualquer decisão tomada nos termos do presente Artigo sê-lo-á por maioria qualificada de pelo menos dois (2) votos e em presença de pelo menos dois terços dos Juizes.

Artigo 51

Intervenção num caso relativo à interpretação de outros Tratados

1. No que concerne a interpretação de outros Tratados são Partes os Estados Membros não Partes no diferendo, o Escrivão deve adverti-los de imediato, assim como aos órgãos da União.
2. Todos têm o direito de intervir no processo. Neste caso, a interpretação do conteúdo da decisão é-lhes igualmente obrigatória.
3. As disposições do presente Artigo não são aplicáveis aos casos relativos a uma alegada violação de um Direito do Homem ou dos Povos, submetidos ao abrigo dos Artigos 29 ou 30 dos presentes Estatutos.

Artigo 52

Custas Judiciais

1. Salvo decisão em contrário do Tribunal, cada Parte no litígio suporta as suas custas judiciais.
2. Quando o interesse da justiça o exigir, pode ser garantida uma assistência judiciária ao autor de uma queixa pessoal, nas condições a serem definidas no Regulamento do Tribunal.

Capítulo V

PARECERES CONSULTIVOS

Artigo 53

Pedido de Pareceres Consultivos

1. O Tribunal pode dar, com aval da Conferência, Parlamento, Conselho Executivo, Conselho de Paz e de Segurança, Conselho Económico, Social Jurídico e Cultural de instituição (ECOSOCC) financeiras e de qualquer Órgão da União um parecer consultivo sobre qualquer questão.
2. As questões sobre as quais o parecer consultivo é solicitado devem ser expostas ao Tribunal, por escrito, e formuladas com precisão. O pedido poderá fazer-se acompanhar de qualquer documento pertinente.
3. O pedido de parecer consultivo não deve referir-se a um caso em instância na Comissão Africana ou no Comité Africano de Peritos.

Artigo 54

Notificações

1. O Escrivão notifica imediatamente o pedido do parecer consultivo à todos os Estados e Órgãos autorizados a intervir no Tribunal, nos termos do Artigo 30 dos presentes Estatutos.
2. Além disso, o Escrivão deve informar, de uma forma especial e directa, a qualquer Estado e Órgão autorizados a intervir no Tribunal, assim como a qualquer Organização Inter-governamental considerados capazes de fornecer dados sobre o caso, que o Tribunal está aberto para receber declarações escritas, dentro do prazo fixado pelo Presidente, ou para ouvir exposições orais durante uma audiência pública reservada para o efeito.
3. Quando um Estado, que não tenha recebido a comunicação especial referida no parágrafo 2 do presente Artigo, exprime o desejo de submeter uma exposição escrita ou ser ouvido, o Tribunal toma uma decisão sobre o assunto.
4. Os Estados e/ou Organizações que tiverem apresentado exposições escritas ou orais estão autorizados a participar nos debates das apresentações feitas por outros Estados ou Organizações nas modalidades, medida e prazos, para cada caso fixados, pelo Tribunal ou pelo Presidente. Para o efeito, o Escrivão deve enviar, na devida altura, as outras exposições aos Estados e Organizações interessados.

Artigo 55
Emissão sobre o parecer Consultivo

O Tribunal emite os pareceres consultivos em audiência pública, na presença do Presidente da Comissão, dos Estados Membros, bem como de outras Organizações Internacionais directamente interessadas.

Artigo 56
Aplicação, por analogia, das disposições dos Estatutos aplicáveis ao contencioso

No exercício das suas atribuições consultivas, o Tribunal inspirar-se-á, quando necessário, nas disposições dos presentes Estatutos aplicáveis ao contencioso.

CAPÍTULO VI
RELATÓRIO PARA A CONFERÊNCIA

Artigo 57
Relatório Anual de Actividades

O Tribunal submete à Conferência, um relatório anual das suas actividades. Este relatório faz referência, em particular, a casos em que uma Parte não tenha executado as suas decisões.

CAPÍTULO VII
PROCEDIMENTOS PARA EMENDA

Artigo 58
Proposta de Emendas provenientes de um Estado Parte

1. Os presentes Estatutos poderão ser emendados a pedido escrito de um Estado Parte, dirigido ao Presidente da Comissão que, por seu turno, deve enviar cópias aos Estados Membros, trinta (30) dias depois da recepção do pedido.
2. A Conferência poderá adoptar o projecto de emenda por maioria absoluta, com base no parecer do Tribunal sobre a emenda proposta.

Artigo 59

Propostas de Emendas provenientes do Tribunal

O Tribunal tem a prerrogativa de propor à Conferência as emendas que julgar necessárias aos presentes Estatutos, por comunicação, dirigida ao Presidente da Comissão para efeitos de análise, em conformidade com as disposições do Artigo 58 do presente Estatuto.

Artigo 60

Entrada em vigor das Emendas

As emendas entram em vigor para cada Estado que as tenha aceite, em conformidade com as normas constitucionais, trinta (30) dias depois da notificação desta aceitação pelo Presidente da Comissão.

EX.CL/431 (XIII)
Anexo II

DECLARAÇÃO DOS MINISTROS DA JUSTIÇA E
PROCURADORES GERAIS

DECLARAÇÃO DOS MINISTROS DA JUSTIÇA E
PROCURADORES GERAIS

Nós, Ministros da Justiça e Procuradores Gerais reunidos em Adis Abeba, Etiópia a 18 de Abril de 2008,

Após termos ouvido a Declaração da República do Ruanda intitulada “ a questão da Jurisdição Universal onde os Juízes estrangeiros atribuem-se a eles próprios a tarefa e a responsabilidade de ter o controlo e dominar o processo judicial em países independentes e soberanos com o objectivo de obter ganhos políticos”,

DECLARAMOS O SEGUINTE:

1. A questão da “jurisdição universal” adoptada por alguns Estados não-Africanos violam a lei Internacional e é uma grande afronta à soberania dos Estados Africanos;
2. O Espírito da decisão da Conferência da União no caso de Hissene Habré, em que os Chefes de Estado e Governo decidiram que Hissene Habré não seria extraditado para julgamento fora de África, bem como as resoluções relevantes da Assembleia Geral da Nações Unidas e as decisões do Tribunal Internacional da Justiça, providenciam uma base forte de como se deve tratar a presente questão.
3. Tendo em conta a crescente natureza das acções criminais intentadas nos países não-Africanos contra personalidades Africanas, SOLICITAMOS à Comissão da União Africana que leve a cabo um estudo jurídico abrangente, bem como elabore recomendações apropriadas à Conferência, através do Conselho Executivo, para consideração nas próximas Sessões Ordinárias agendadas para Sharm El Sheikh, Egipto, em Julho de 2008.

Feito em Adis Abeba, Etiópia, a 18 de Abril de 2008

AFRICAN UNION UNION AFRICAINE

African Union Common Repository

<http://archives.au.int>

Organs

Council of Ministers & Executive Council Collection

2008

Relatório da Comissão Sobre A Reunião Dos Ministros da Justiça/ Procuradores Gerais Sobre Questões Jurídicas

União Africana

União Africana

<http://archives.au.int/handle/123456789/3839>

Downloaded from African Union Common Repository